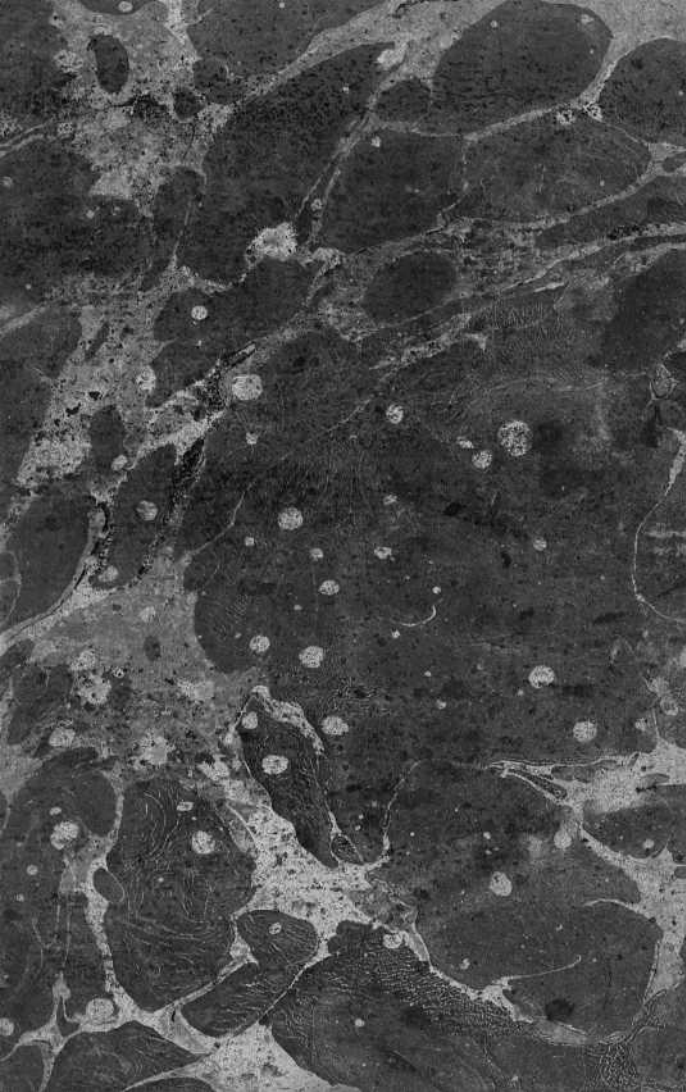


9.







OS TOIROS.

210710720



OSTOIRO S:
POEMA
HEROE-CÓMICO

P O R

ANTONIO JOAQUIM
DE CARVALHO.

Dove



L I S B O A

NA TYPOGRAFIA NUNESIANA.

A N N O M. D C C. X C V I.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

OSTOROS

Il raro

POEMA

HEROICO-COMICO

POEMA
HEROICO-COMICO
DE



L I S B O A

NA TIPOGRAFIA NUNESIANA

A N O D E C X V I

Com. Lit. de 1816

100

P R E F A Ç A Õ.

SEm armas vou convulso ao Márcio Campo:
Só nodozo bambu na mão gelada
Levo, bem qual Paralta desgrenhado,
Que de negro Chibante as armas toma.
Porém que vejo, oh Ceos! Além divizo
De Apollo a ronda, ronda de Polícia;
Que ao triste som de sórdidas matracas
Anda guardando do Parnaso a porta.

Elles por contrabando os Versos tomaõ,
Que saõ filhos de rôtos pais mendigos;
E aos seus Authores a galés condemnaõ:
Que desgraçado fou! Que hora funesta!
Eu pobre, eu mendicante, eu pai de Versos!
Pai de hum Poema! Que delicto enorme!
Ah! Quem antes c'o a Muza naõ cazára,
Naõ a exporia a produzir tal filho.
Elles me viraõ: sobre mim já correm;
Elles me cercaõ, já fugir naõ posso:

Galés , açoites , guilhotinas , forcas ,
 Tumba , pingados , tudo vejo em frente ;
 Adeos , amigos , rezem-me pela alma .

Porém á descarnada mão da Morte

A foice eu vou deter ; eu ponho embargos .

Valha-me a astúcia , valha-me a humildade :

Eu corro a elles , a seus pes me prostro :

Com tal gómma talvês , que pegue a lábia .

Senhor Cabo da Ronda , e mais Senhores ,

A quem prostrado as mãos benignas beijo ,

Eu porque filho sou de Adão de Barros ,

Feito da fragil massa das panelas

Pequei ; mas venho delatar-me humilde .

Eu contra as inviolaveis leis de Apollo ,

Sem dar annos no Officio de Poeta ,

Sem ter de Horácio Attestação de exame ,

Immensos Versos fiz ; porém que Versos !

Coxos , manetas , corcovados , tórtos ,

Que assim talvês , q os Zoilos lhe chamassem .

Temos culpa maior , a mãe das culpas ,

Qual he , minha Consorte , a Muza louca

Hum

Hum Poema conceber , parir hum Monstro,
 Que assim lhe chamareis por ser meu filho.
 Mas ah bõs Mestres ! (se he q̃ sois bõs Mestres)
 Deixai , que eu pinte deste Monstro a origem ,
 Nova scena vereis , scena pasmóza.

Eu com várias Madamas , todas várias ,
 Fui de romagem n'um ronzeiro carro :
 Amor , o alegre Amor , dá-me a Viola ;
 Manda , que eu cante os olhos de Lizarda ,
 Olhos capazes de encantar mil tolos.
 Bate as azas o Amor , eu bato a orelha :
 Sopra-se o fogo ás inflammadas moças ;
 E da viola ao som , ao som do carro ,
 Amor me inspira , canto em rudes trovas
 Os bellos olhos , olhos marotinhos ,
 Com que a moça ficou de vento inchada.
 Chega-se ao sitio , tudo salta em terra ;
 Do roto carro os tardos Bois se tirão :
 Eisque hum delles com passos vagarózos ;
 Olhos no chaõ , aspecto carregado ,
 Chega-se a mim , clamando : *O' caro amigo.*

Eu

Eu, que do Boi a voz medonha escuto,
 Estático fiquei, convulso, e frio;
 Mas o Boi me transtorna, e diz: *Não temas,*
Porque me ouves falar sendo eu calado;
Olha, que o surdo faz falar o mudo.

Tu com teus Versos, sonorózos Versos
Tornaste doces meus amargos dias:
Es hum sábio Doutor, Poeta insigne;
Es o melhor Poeta de carrada.

Com tal pasto engordei, crescendo a palmos,
 Tu, que es Letrado (o Boi me repetia)
 Meu Patrono has de ser em cauza justa,
 Abre as orelhas, ouve-me piedozo.

Eu, que fui bravo Toiro, antes que os homens
Me pozessem na classe dos Castrados,
Não para ser cantor, que a voz he rouca;
Mas para não cazar, nem ser travesso;
Farpeado enraõ fui em tosca Praça
Por carniceiras mãos d'impios algozes,
Dignos de prêmio d'outra igual moeda.

Meus parentes, irmãos, meus bons amigos

Far-

Farpeados não foraõ, foraõ mórtos
 Com agudo rojaõ, fulgente espada,
 Que assim ao bemfeitor os ímpios trataõ.
 O' caro amigo, se não es verdugo,
 Se não tens alma de Rabeca podre,
 Vê, que serviço o Boi faz aos Humanos,
 E quaõ mal os crueis ao Boi compensaõ.
 Elle com duro arado rompe a terra
 Para o paõ produzir, elle o debulha,
 Elle curvo, gemendo arrasta o carro,
 Servindo humilde ao Homem, que o castiga;
 E depois que servir não pôde ao ímpio,
 Melhor o serve entaõ, dá-lhe o seu corpo,
 Dando-lhe nelle o saúdavel pasto;
 E quanto encerra o Boi, ao Homem serve.
 E ha Homens monstros mais crueis, q̃ as feras,
 Que ao Boi amigo, ao bemfeitor de Humanos,
 Atormentem com barbaros martyrios,
 Quando deviaõ levantar-lhe Estátuas!
 Ab! Se dos Bois a sorte se trocasse;
 Se os crueis fossem Bois por breve espaço,

El-

*Elles aos Bois seus bons irmãos fariaõ,
 Naõ a justiça padre, a sãa justiça;
 Naõ justiça de arrocho; sim de fuzo.*

*Animo, caro amigo, a empresa he nobre:
 Nas acções grandes os Heroes se acclamaõ;
 Mas naõ dispas a espada, a penna empunha:
 Naõ chames Muzas, a justiça chama;
 Ella o valor dará, dará victória.*

*Vai, amigo, c'o as armas da Poesia,
 Ataca aos Charlatães, que aos Bois atacaõ;
 Destroe os ímpios, como aos Bois destroem:
 Isto te peço em lagrimas envolto,*

*Assim te livre o Ceo do nosso estado:
 Isto te rogo em honra do teu nome,
 Teu nome, que ha de ser por nós cantado.*

*Disse, e dissera mais; mas os soluços
 Prendem-lhe as vozes, só se explica o pranto;
 Eu com elle a chorar, quaes bons amantes,
 Jurei-lhe protecçaõ, cumpri meu voto.*

*Vêde, ó Juizes, se he, que naõ sois cegos;
 Eu tendo hum coraçãõ taõ brando, e docil,*

Qual

Qual branda troixa de ovos, em tal scena
 Poderia tornar a troixa em seixo?
 Não, que eu vendo a innocência lacrimóza
 Curva a meus pes, pedindo-me piedade,
 Se lha negasse, hum coração teria
 Mais duro, que a armação do Boi, que a pede;
 E muito mais pedindo-a hum Boi benigno,
 Que me chamou Doutor, Poeta insigne,
 E até grande Poeta de carrada;
 Que vaidozo me fez, e tão inchado,
 Que se eu fôra mulher, prenhez julgára.
 Finalmente, Senhores, o meu crime,
 Crime não póde ser; mas sim virtude.
 Eu fui grato, piedozo, e justiceiro;
 Eu defendo a innocência, ataco o vício;
 Os Homens salvo, chamo a paz aos Toiros;
 E livro o Mundo da mais feia escola,
 Que ensina os Homens bons a ser tyrannos.
 Se isto he culpa, ó Juizes, condemnai-me;
 Se he crime capital, armai-me a forza:
 E aquelle, que de vós for mais piedozo,

Vista a sotana, n'uma alcofa pegue,
 Vá para as Missas deste irmão pedindo.
 Ao grande Executor d'alta Justiça,
 Se n'alma de hum Algoz cabe a Clemência,
 Que me dê boa morte humilde imploro,
 Assim outra igual morte em prémio tenha.





OS TOIROS:

POEMA HEROE-CÓMICO.

CANTO I.

ARGUMENTO.

Ardilozo Festeiro, e seus sequazes
Fazem Concilio, nova rêde inventaõ:
Festa de Toiros, Toiros de rapazes,
Por sangrar bolsas sangrar Bois intentaõ:
Fazerem guerra aos Toiros, e a si pazes
Por Baccantina idéa, e nella assentão:
Astréa argúe a Bacco de inclemente;
Bacco persiste em proteger tal gente.

I.

As Armas, e os Varões assignalados,
 Armas toirinas, e Varões toireiros
 Eu canto: canto Heroes de susto armados
 Figurando d'impávidos Guerreiros:
 Contra chuços cornígeros alçados
 Tração a aguda lança em vís sendeiros:
 De peito a peito qualquer delles corre,
 Ou morre o Toiro, ou Cavalleiro morre.

II.

O' Muza, que os Quichotes illustraste,
 Que andantes Cavalleiros inda inspiras;
 Tu, que aos Vates as pennas aparaste,
 Que aos bons Cantores affinaste as Lyras:
 Tu, que tocar Sanfona me mandaste,
 Por eu cantar sem voz, cantar mentiras:
 Hoje, ó Camena, o teu favor precizo,
 Para o Mundo fazer saltar com rizo.

III.

III.

Vem, Muza, por piedade: ah! Tu não queres
Voar do Olympo a bafejar hum pobre?
Es estátua a meu rôgo, só por veres,
Que não me arrasta huma berlinda nobre?
Vem, ó Crítica austera: os teus deveres
Cumpres benigna; o fogo teu me cobre:
Cantemos Charlatães vãos, presumidos,
Que as armas provaõ dos Heroes vencidos.

IV.

Affina-me a Sanfona; ambos cantemos
Os bons Piegas, só por nós cantados;
Aquelles Heroes fracos, em quem temos
Bellos Verdugos de innocentes Gados:
Aquelles, que por nós em Praça os vemos
Da bruta plebe; e Toiros toireados;
Qual mais s'esforça, mais aleija, e mata,
Por dar-nos carne muito mais barata.

V.

E vós, ó Sabios Luzos, Mestres d'Arte,
 A cujos pes o feroz Toiro geme;
 Que ao ver o vosso aspecto em qualquer parte
 Já tem maleitas, já com frio treme:
 Vós, que herdais o furor do bravo Marte,
 O vosso braço he raio, o Toiro o teme:
 Vós nelle lhe mostrais morte medonha;
 O Boi, que a vê, não chora por vergonha.

VI.

Vós, que soffreis a pedantina raça
 Na subtil rêde de armador Festeiro,
 Meu pobre canto ouvi, que em tom de graça,
 Quando não mente, he sempre verdadeiro:
 Deixai, que embargos á Sentença eu faça
 Para o Toiro salvar, salvar Toireiro:
 Se ambos livro da morte, Heroe me acclamaõ;
 Já ponho banca, já Doutor me chamaõ.

VII.

VII.

Vamos , Crítica , ver o nobre bando
De pregoeiros Baccanaes composto ,
Que em fallidos sendeiros vão trotando ,
D'informes caras mascarado o rosto.
De opiádas notícias laço armando ,
Onde os pacóvios cáiaõ por seu gosto ;
Em negras bocas o Clarim da Fama
O combate pregôa , a plebe chama.

VIII.

Veio o Tempo feliz , Tempo doirado ,
Mostrando á Lízia rosto galhofeiro ;
As Festas Baccanaes lhe tem mostrado
No verde bosque do escarpado oiteiro.
Bacco em pejada pipa escarranchado ,
Cacho , e Copo offertava ao Mundo inteiro :
Nú em pelle citando a alegre Gente ,
De verdes Parras adornada a frente.

IX.

Dalli fugio a pállida Agonia ,
 Porque o Prazer a coices a expulsava ;
 Alli reinava a bêbada Alegria ,
 Que a pipa rôta por detrás chupava :
 Alli a torre de Babel se via ;
 Toda a casta de lingua alli cantava :
 Té canta o Burro com a amante Burra ,
 Ella zurra de lá , elle cá zurra .

X.

Hum com prenhe borracha o Nume incensa ,
 Outro c'o a bocca ao torno entulha a pança ;
 Hum em Verso improviza , outro álêm pensa ,
 Hum quer brigar , outro no chaõ descança :
 Entre as saúdes gera-se a doença ;
 Sôa o fandango , ferve a contradança ;
 Gritaõ pifres , tambores , castanholas ,
 Gaitas , pandeiros , berimbãos , violas .

XI.

Lá sóbe ao monte burrical cambada ;
Outra cambada igual de Homens levando ,
Que ao som de gritaria , e de assoada
Vaõ Burros , e Homens duro chaõ beijando.
He o toiral Festeiro c'ò a manada
De sócios , que andaõ armazens vazando ,
Para que em seus devotos sacrificios
Requerer possaõ com taes fés de officios.

XII.

Entrando no arraial qualquer se apeia
Do martyr Burro , que justiça clama ;
Põem-se em terra as vazilhas , qual mais cheia
Por dentro , e fóra de Falerno , e lama.
Correm de Bacco ao Throno , hum cambaleia,
Outro quer ajoelhar , do chaõ faz cama :
Todos se curvaõ , com respeito calaõ ;
Fala o Festeiro , se he , que os odres falaõ.

XIII:

*Filho de Jove , Bacco veneravel ;
 Deos , e Pai dos Heróes plebéos , e nobres ,
 Que o sangue vosso dais , sangue incantavel ,
 Aos vossos filhos bons , ricos , e pobres.
 Eu novo laço armei , laço agradavel ,
 Onde cáiaõ patáos largando os cobres :
 Se a maõ me dais , fazeis de hũ pobre hũ rico ;
 Se naõ no laço engasgalhado fico.*

XIV.

*Eu com os sócios meus , meus semelhantes ,
 Em honra vossa Toiral Festa armámos :
 Do lago dos caturras tres pedantes
 Para Toireiros com anzol pescámos ;
 Toiros humildes , Toiros arrogantes ,
 Rótos Capinbas , simples Neto achámos :
 A Festa he isca , a Praça he ratoeira ;
 Gêmaõ mil Ratos , ria-se a algibeira.*

XV.

*Desta lavoura o melhor trigo he vosso ;
 Vós Victimas tereis , vós Sacrificios :
 Aos pes do vosso Altar (jurar-vos posso)
 Que todos vos farão Baccaes Officios.
 Nos vossos armazens , por zelo nosso ,
 Nem nas vazilhas ficarão resquícios :
 Vós , tereis lucros bons , suave incenso ;
 Nós hydrópica bolsa , e gosto immenso.*

XVI.

*Basta : informado estou (responde o Nume)
 Buscais-me , qual bom Pai ; devo amparar-vos :
 Vós fazeis-me holocaustos por costume ;
 Eu , que os acceito , devo compensar-vos.
 Eu farei , que se accenda o Báqueo lume
 Na bruta plebe para lucros dar-vos ;
 Aos Toireiros farei taes borracheiras ,
 Que dem ao povo bom jantar d'asneiras.*

XVII.

XVII.

Eis que azulada nuvem rompe os ares ;
 Desfaz-se em troncos , apparece Astréa :
 Irada clama assim : *Bacco, a teus lares*
Venbo arguir-te de huma culpa fea :
Increpo-te , cruel , por flagellares
A sãa Justiça com ferina idéa :
Sacrificas a barbaros Festeiros
Bois necessarios , miseros Toireiros ?

XVIII.

Bacco lhe diz com bebedal rizada :
Dona Astréa , que tens ? Vem cá , soccega :
Tu , que serena es linda , e fea irada ;
Fêa não queiras ser por paixão cêga.
De humanos borraxões amo a manada
Só porque esgotaõ minha grossa adega :
Hajaõ Toiros , festins , bolcos , carollos ;
Gastem-se os Vinhos a pesar dos Tollos.

XIX.

O que posso fazer para adoçar-te,
 E atafulhar essa Alma de alegria,
 He hum bom salsixaõ, bom paio dar-te,
 Bella Champana, loira Malvazia:
 Hum puxativo Arenque bei de offertar-te,
 Que o Vinho chama, pela maõ o envia;
 E Ostras bellas, com que boje consolei-me;
 Ostras, que falaõ, dizem só: Bebei-me.

XX.

A Deoza lhe replica em raiva acceza:
 Guarda os teus vinhos, guarda os teus puxãtes;
 Nume naõ es, es monstro de fereza,
 Cruel pai de crueis teus similhantes.
 A Jove, justo Deos d'alta grandeza,
 Justiça clamarei contra os pedantes.
 Eisque horrendo trovaõ a Serra atrõa;
 Foge o Povo assustado, a Deoza võa.

XXI.

XXI.

Chegou por fim o infausto, e feliz dia ;
 Máo para os Toiros, bom para o Festeiro ;
 O gritador foguete ao ar subia
 Para o Povo chamar, chamar dinheiro.
 O brejo em turmas a gritar corria ;
 Corre o bandalho, trota o Cavalheiro ;
 Vaõ Damas em rodantes capoeiras,
 Rôtos Marujos, sórdidas Peixeiras.

XXII.

Chega-se á debil Praça madeiróza,
 Que faz lembrar, as que tem vindo a terra
 Onde esbelto Paralta, e Dama airóza
 Saõ como grillos, que a gaiola encerra :
 Brilha na Sombra a gente respeitóza,
 Ao Sol a pádeiria insulta, e berra :
 Gyra o Vaqueiro, mostra-se o Capinha ;
 Grita o moço: *Bom doce*, outro: *Erésquinha*.

XXIII.

Pela Praça o Prazer brincando andava;
Voando a todos bafejou de gosto:
Só nos mízeros Toiros se avistava
Lastimózas imagens do desgosto.
Por modéstia qualquer não se queixava;
Mas triste, e mudo, embezerrado o rosto,
A's suas ternas Damas, que os guiavaõ,
Nem ar de rizo, nem palavra davaõ.

XXIV.

Morena mestra, e mãe de bons matreiros;
Conductora de Toiros por officio;
A mais destra, approvada entre os Vaqueiros,
Em levar innocentes ao supplicio;
A quem os Toiros seguem, quaes bréjeiros
Seguem o capataz author do vicio:
Clama: *Justo não he que eu sinta, e cale;*
Se os Asnos falaõ, será bem, que eu fale.

XXV.

XXV.

Ab tristes filhos, filhos desgraçados,
Que vindes a morrer sendo innocentes!
Vós fiéis, vós sizudos, vós bonrados,
Haveis ser pasto das crueis serpentes!
Vós, que injúrias ovóis sempre calados!
Vós, que insultos soffreis sempre prudentes!
Vós, que nunca incensais o grande Bacco!
Que não jogais! Que aborreceis tabaco!

XXVI.

Vós com virtudes taes, taes qualidades,
Víctimas d'esfaimados carniceiros!
E trazer-vos eu mesma ás crueldades
D'impios Capinbas, impios Cavalleiros!
Eu, filhos, não forjei taes falsidades
Por presentes lucrar, lucrar dinheiros;
Forçada fui soffrendo nas estradas
Canções, fomes, aguilhões, pancadas.

XXVII.

*Mas, filhos, na campanha o bom Soldado
A Morte vê, e vai lutar c'ò a Morte,
Só por ganhar d'Heróe o nome honrado,
E ver vencido o vencedor mais forte.
Vós, que cegos marrais de olho fechado,
Acbais desgraça procurando a sorte:
Se o Caçador não poem à Lebre a mira,
Por mais que atire, sempre ao vento atira.*

XXVIII.

*Olho vivo; ir ao campo, e ver primeiro,
Que a vida, e gloria ao bom guerreiro anima:
Rindo vereis no bravo Cavalleiro
Dois gemeos, hum per baixo, outro por cima.
Pela esquerda o buscai com pé ligeiro;
Elle volta, elle foge, e desanima:
Aos ares o mandai, Cavallo à terra;
Cante o Cavallo a Paz, o dono a Guerra.*

XXIX.

XXIX.

*Se Capinha, se amigo, ou bom parente
 Duello pertender, como affrontado;
 Rebatei-lhe o furor; mui brandamente
 Nas armas por Troféo levai-o alçado.
 Se outro vier bazófia por valente,
 Com quebrar-lhe huma perna he castigado:
 E a ser louco, applicai-lhe logo a cura;
 Rôta a cabeça, foge-lhe a loucura.*

XXX.

*Deveis, filhos, saber os mandamentos
 D'arte de toirear para atalbálos;
 Eu, que os ouvi a Charlatães cruentos
 N'acção de ligar Bois para embolálos;
 Na memória guardei seus fundamentos,
 Taes, que tremo de horror, se vou pintálos;
 Se eu nestas pontas seu Author colhêra,
 De obra tão boa prémio bom lhe dera.*

XXXI.

*Hum dos preceitos d'Arte, Arte d'asneira,
Exhorta ao Contendor: Se no combate
Perder chairrel, rojaõ, ou a estribeira,
Corra ao Boi descortez, á espada o mate.
Em taes cazos a idéa verdadeira,
Antes que a maõ á espada vil desate,
He, mui cortez, quebrar-lhe o dextro braço;
Mas para a cama dar-lhe livre o passo.*

XXXII.

*Outro preceito impoem: Se o Combatente
Perder cilba, chapéo, perder cavallo;
Posto a pé, dispa a espada; entaõ valente
Chame o Toiro incivil, vá castigallo.
Aqui a controversia competente
He fugir-lhe, elle corre; assim cançallo:
Por fim, boléo mortal; elle desconta:
Feito o balanço, está saldada a conta.*

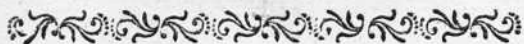
XXXIII.

XXXIII.

*Assim, filhos, aos Toiros dareis glória,
 Se souberdes guardar taõ sãa doutrina;
 Nos fastos ficará da bonroza história,
 Que o Boi soube ensinar, a quem o ensina:
 Se houver hum Templo de Toiral Memória
 Vereis nelle hum Padraõ de pedra fina;
 E nelle esta inscripção (que triste agoiro!)
 O Toiro mate, a quem matava o Toiro.*

XXXIV.

Estas exhortações a mãi fazia,
 A terna mãi aos filhos desgraçados;
 De Campinos a tropa aos Bois corria;
 Fervem pampilhos, aguilhões, cajados:
 Ao som da chóca, ao som da gritaria,
 Saõ ao segredo como reos levados:
 Mostrar má morte a martyres matreiros
 Vaõ velhas Vacas, vaõ vilãos Vaqueiros.



C A N T O II.

A R G U M E N T O.

HUm temerário, mízero Barbeiro,
Pobre de bens, mais pobre de juízo,
Só por fama ganbar, ganbar dinbeiro,
Vai dar ao Povo hum bom dezér de rizo:
Elle vai toirear; mas he primeiro
Doutrinado por Bois, que tem mais sizo:
Rem que elle clame, contra quem o ensina:
Malditos Mestres, infernal doutrina!

I.

Já tudo prompto está, já principia
 A nobre Acção, que amotinou Lisboa ;
 Rubro fogo estalante o ar fendia ,
 Que os Astros espaventa , o Orbe atroa.
 Já da boca da Noite além se ouvia
 Dura trombeta , que importuna soa ;
 Que está dando assoadas aos dementes ,
 Que o Festeiro sangrou , e estão contentes.

II.

Lá vem a triste Azêmola enfeitada ,
 Que traz a ferramenta aos carnicheiros :
 Ah ! Que faria a mízera coitada ,
 Que vem preza entre os ímpios quadrilheiros ?
 Talvêsqe venha á morte condemnada
 Para dar pasto aos ávidos Vaqueiros :
 Triste, preza, entre algozes , claro indício ,
 Que a baraço , e pregaõ vem ao supplicio.

III.

III.

Lá vem o grande Neto d'avó tórta
Montado em seu irmaõ : bravo ! Vem lindo !
O mordaz Povo mal o avista á porta
Dictérios sólta , já mofando , e rindo :
Mas elle , que a virtude só lhe importa ,
Soffre as injúrias , com prudência ouvindo ;
E o cavallo , que ignora a sãa prudência ,
Zombaria faz delle : ó que insolência !

IV.

De capa , e volta ricamente ornado
De pobres trastes , barbas de oito dias :
Nobres jaezes de papel doirado ,
Guarnecidos de bellas bugiarias.
Tira o ruço chapéo , faz ao Senado
Naõ cortezias , sim descortezias ;
Que o Cavallo á violencia dos flagellos ,
Volta-lhe o rabo , salta a dar marmellos.

V.

Lá vem o magno Cavalleiro andante,
Qual Dom Quichote a combater moinhos;
Protestando c'o a espada fulminante
Mil Pardaes destruir nos próprios ninhos.
Bellos Capinhas de furor Baccante,
Que atacaõ, vencem mil toneis de vinhos:
Todos brilhantes, todos bons Guerreiros,
Todos famózos em fugir ligeiros.

VI.

Que esbelto Contendor! Bello! Excelente!
He bem completo! Ricamente ornado!
He pena o bom vestido inda doente
Das bexigas ficar taõ transformado.
Bom cavallo! Talvés de nobre gente,
Aos peitos da soberba alimentado:
Em ser altivo mostra bem, que he nobre;
Mas em ser mui cortez, só diz, que he pobre.

VII.

VII.

O amante contendor , que alta victória
De Amor espera , a Jónia se encommenda ;
Levando o seu retrato (ó doce glória !)
Junto a seu peito , que seu peito accenda.
Elle , que a vê , ao Templo da Memória
Jura troféos levar d'alta contenda :
E o cavallo , por ter melhor juizo ,
'Tróta a rinchar , ou a estalar com rizo.

VIII.

O rizonho cavallo campeando
Ao Senado tres vezes cortejava :
E tres , qual carangueijo recuando ,
Que he civil , que he cortez , n'acção mostrava.
Quer por fim retirar-se ladeando
O peccador , que d'Arte jejuava ,
Mette-lhe as pernas : o cavallo berra ,
Saltos , pinotes , já chapeo por terra.

IX.

A pe, a pe, a pádeiria clama;
 Rizadas sólta a plebe insultadora:
Bravo, lhe diz a desgostóza Dama;
Fez cortezia de barrete fóra.
 O pobre, que hia ver o altar da Fama,
 Entre bravos Dragões se julga agora:
 Vai-se afflicto, rosnando: *O' triste dia!*
O' cavallo cruel! O' sorte impia!

X.

O Pôvo pela amostra julga a peça:
Grande tarde se espera, alguns diziaõ:
 Rôto bandalho a profetar começa
 Trágica scena, de que alguns se riaõ.
 Hum quer do pobre aberta a vãa cabeça,
 Outros tombo mortal só lhe queriaõ:
 Hum pergunta: *Quem he taõ bom Toireiro?*
 Outro diz: *He hum louco, hum máo Barbeiro.*

XI.

XI.

Em quanto o Pôvo com razaõ murmura
D'atrevida ignorância em tal perigo ;
Lá dentro o miseravel só procura
Hum piedozo cavallo , hum terno amigo.
Lá vem , qual réo , com cara de amargura ,
Rogando a Jónia seu seguro abrigo :
O rojaõ toma , guerra aos Bois declara ;
Sahe hum Boi , acha hum lorpa , esfria , e pára.

XII.

Que vejo ! Hum Toiro , hũ monte de braveza
Transtornado n'um molle , e vil Jumento ,
Mas ah ! Naõ he temor , naõ he fraqueza ,
He de piedade heróico sentimento :
Vê , que brigar com fracos he vileza ;
Com desprêzo o castiga : he nobre intento !
O' Toiro o mais prudente , o mais piedozo ,
Q' es digno de hũ Padraõ , de hũ Busto honrozo.

XIII.

Do bom Quichote o convulsivo braço,
 Por virtude do Toiro he braço forte;
 Já cobra rubra côr, já peito de aço,
 Já corre ao Toiro, já lhe mostra a morte,
 Mas o prudente Boi nem move hum passo;
 Não joga, não espera azar, nem sorte:
 Fervem ultrajes, elle soffre tudo;
 Chovem as farpas, elle manso, e mudo,

XIV.

Estes trabalhos, esta sãa prudência
 Geráraõ compaixaõ no bom Senado;
 Bebendo o doce nectar da clemência,
 Manda, que até morrer viva o coitado:
 Manda em fim, que o conduzaõ com decência
 A's Damas, que já morto o tem chorado:
 Soltaõ-se as Vacas, correm os Vaqueiros,
 Voltaõ alegres ao toiril ligeiros.

XV.

Em quanto ao rude som da bruta chóca
 A Vaca enxuga o pranto, o Réo respira,
 Batem nas costas da engasgada tóca,
 Vomita hum Toiro de razaõ, e d'ira.
 O Boi, vendo o pedante, que o provóca,
 Volta-lhe a poppa, dois canhões lhe atira;
 Como quem diz: *Eu para taes Pechotes
 Armas não quero; quero só pinotes.*

XVI.

O bom Guerreiro alçando a aguda lança,
 De frente a frente o Toiro desafia;
 O Boi não quer soffrer tal confiança,
 Bufando observa a pérfida ouzadia:
 Elle o torna a insultar; o Boi lhe avança:
 Elle foge; o Boi segue, o Povo ria;
 Investe-o pela esquerda o Boi cruento,
 Elle corre, qual Rato, o Boi, qual Vento.

XVII.

O Boi d'encontro leva-o á trincheira,
 A embezerrada rouca voz soltando,
 Clama : O' chocho espantalho de figueira,
 Que andas os sérios Toiros insultando!
 Queres, que eu faça esse montão d'asneira
 Ir, qual máquina leve, ao ar voando?
 Mas não quero, só quero doutrinar-te,
 Quero abater-te, quero envergonhar-te.

XVIII.

O vil duello (assás bem prohibido)
 Quando se tece, alguma cauza o tece:
 Tu sem cauza o duello tens urdido,
 Dá-me a razaõ, ou que es cruel conbece.
 Uza d'armas iguaes, uza atrevido,
 Onde o valor, e brio resplandece:
 Queres ver a vantagem, que tu tinbas?
 Dá-me essas armas, e recebe as minbas.

XIX.

*Eu só no campo, tu com guardas promptas ;
 Eu com dois páos, tu com rojaõ, e espada :
 Tu dessas armas afiaste as pontas,
 Quebraste as minhas : ã haõ de fazer ? Nada.
 Eu brigo a pe, tu de cavallo montas :
 Mízero Toiro ! Besta desgraçada !
 Com taes pedantes (sem rebuço fallo)
 Naõ se póde ser Boi, nem ser cavallo.*

XX.

*Faze-te Boi, que eu faço-me Toireiro ;
 Dá-me esse estado, dá-me a natureza :
 Toma a minha carranca, o vulto inteiro ;
 Toma esta força, toma esta braveza :
 Eu te espero ao toiril, parte ligeiro,
 Lá vai rojaõ no jugo : ó grande empresa !
 Toiro a terra, gaitada, os negros correm :
 Ora já sabes, como os Toiros morrem ?*

XXI.

XXI.

O lorpa, que nas mãos da morte estava,
 Que nem fugir, nem respirar podia;
 Em côr defunta a rubra côr tornava,
 Qual debil cana de temôr tremia.
 De baba, e pranto hum rio desatava,
 Da mão tremente a lança lhe cahia:
 Tira o chapéo em ar de abatimento,
 Ao Toiro fala mui cortez, e attento.

XXII.

*Senhor Roi, meu amigo, amigo honrado,
 Meu caro Mestre, que me ensina, e ama;
 A vãa cubiça do metal doirado,
 Hum cruel Chefe, que a morrer me chama:
 Eu fraco, em valentia enlabuzado;
 Eu louco; pertendendo honróza fama:
 Esta a cauza do abismo, em que me vejo:
 Ah! Perdoai-me, que eu a mão vos bejo.*

XXIII.

O Toiro enternecido da humildade
 Do babozo choraõ, assás constricto,
 Deixa a fereza, torna-se á piedade,
 Quer absolvêlo do toiral delicto:
 Entaõ com imperial severidade
 Tres vezes cabeceia: o Réo afflicto,
 Que espera do Destino o duro feixo,
 Naõ bate orelha já, só bate o queixo.

XXIV.

O Juiz, qual trovaõ, a voz soltando,
 Voz, que ao Réo fez saltar, naõ de contente,
 Clama: *Vai-te, bandalho, e vai contando,*
Que achaste hũ bruto mais, que tu, clemente.
Vai-te já; naõ me estejas impéstando,
Que eu com tollos sou tollo certamente:
Se aqui tornas, irás sobre os Pingados
Barbas fazer aos míseros Finados.

XXV.

XXV.

Sim, senhor, eu protesto (o Réo dizia)
Naõ ser caturra em populõza Praça;
Irei barbas fazer de noite, e dia,
Antesque a barba feroz Boi me faça.
Eu vou rogar a hum Mestre de Poezia,
Que em verso cante esta benigna graça:
Gritem os cegos pelo mundo inteiro:
Ora a Mercê, que hum Boi fêz a hum Barbeiro:

XXVI.

O Boi piedozo dá-lhe livre o passo;
Curva-se humilde o Réo todo rendido:
Com cortezias desconjunta o braço:
Diz-lhe: O' meu amo, sempre agradecido.
Parte; mas observando em todo o espaço
Naõ torne o Boi de compaixaõ despido;
E assim se vai ao som de pateadas,
D'insultos, gritos, de motins, seixadas.

XXVII.

O Festeiro, que o vê deixando a Praça,
Grita ao pobre: *A' Senhor, vá para fóra.*
Elle responde: *Eu fóra! Nem por graça;
Nem que me dessem dez milhões agora.*
*Deve ir (lhe diz) pois não soffreo desgraça;
Se a soffrer, pagar-lhe-hei; póde ir-se embora.*
Responde: *Se eu morrer (falemos sério)*
Ha de ir entaõ pagar-me ao Cemitério?

XXVIII.

Replica-lhe o Festeiro enfurecido:
O meu ajuste foi dar-lhe huma peça,
Dar-lhe cavallos, alugar vestido,
E adornálo dos pes té á cabeça.
O seu foi toirear, como he devido,
A tarde inteira; cumpra-me a promessa:
Vá toirear, se não no Limoeiro
Toireado será taõ bom Toireiro.

XXIX.

O triste martyr de leões cercado,
 De agúda guarra, de temivel dente,
 Diz: *Senhor, já morri, resuscitado*
Aqui me vejo milagrozamente.
Aquelle Boi pescou-me; eu já fígado
Roguei-lhe compaixão; elle clemente
Me absolveo: se lá tórno, he certo o tombo;
Serei trinchado, qual prezunto, ou lombo.

XXX.

O Festeiro lhe torna: *Mas o ajuste?*
O Senado? A Nobreza? O Povo inteiro?
Isto o deve obrigar, bem que lhe custe
A sustentar-se impávido Guerreiro.
Finja ter alma nobre; não se assuste,
Que os Bois são mansos, como hum vil carneiro.
Vá, vá mostrar á sua Jónia bella,
Que Amor o manda triunfar por ella.

XXXI.

Aqui se alegra o triste, aqui melhora
C'o emplasto enzonativo, e resolvente:
Ouvio falar na fantasmal Senhora,
Já tem nova alma, já se ri contente.
Diz: *Irei toirear; mas não agora;*
Pois não devo atacar hum Boi clemente;
Hum Toiro humano, Toiro sem segundo:
O bem, que elle me fez, lbe faça o mundo.

XXXII.

O Festeiro concorda: *Sim, mandemos,*
Que o seu amigo farpeado seja:
Depois de morto, no entrevallo temos
Dois caturras, que o Povo mais dezeja.
Esse temivel braço então veremos:
Jônia contente os seus triunfos veja.
Clama o pobre: *Não quero Bois daquelles;*
Dem-me Bois mansos, deixem-me com elles.

XXXIII.

XXXIII.

Bravo, que asneira! (os críticos diziaõ)
Sóltaõ dictérios, sóltaõ gargalhadas;
Lá fóra as farpas sobre o Boi choviaõ,
Fervem as sortes, fervem as marradas.
Os Capinhas, que em frente a morte viaõ,
Vaõ dála ao Boi nas pontas das espadas:
Pérfidos mátaõ-no, sórdidos prendem-no;
Lévaõ-no, esfólaõ-no, pártem-no, véndem-no.





C A N T O III.

A R G U M E N T O.

Qual setta vòã a Deoza Gigantèa ;
 Corre Vulcano vomitando fogo :
 Em nuvem transparente corre Astrèa ,
 A azul morada se remontaõ logo.
 Queixaõ-se a Jove da ferina idèa ;
 Clamaõ Justiça , elle defere ao rogo :
 Manda hũ Decreto aos Bois , q̃ em tal combate
 O Boi castigue ao tolo , ao sábio mate.

I.

Quando os crueis algôzes farpeavaõ
 Tenro novillo, mízero innocente,
 Que vencendo a creança disputavaõ,
 Qual era mais Heróe, qual mais valente?
 Duas carcáças velhas se assanhavaõ
 Em altas vozes, com que ria a gente:
Olhe aquelles ladrões! Prove novillo!
Quem tivera a tua alma; ab rico filbo!

II.

Quando com drogas taes se divertia
 O causticado Povo Luzitano,
 De trote hiaõ cortando a láctea via
 A Fama, Astréa, e o voraz Vulcano:
 Eisque encontraõ Mercúrio, o qual corria
 N'um Burro de ceiraõ, soberbo, ufano;
 Vai cortejálas o civil casmurro,
 Ambos s'estendem, Cavalleiro, e Burro.

III.

III.

As Deozas com rizadas applaudiaõ
 O cortez dono , o mais civil jumento :
Bravo, Mercúrio, bravo ! (repetiaõ)
Naõ ha mais estirado cumprimento.
 Elle lhe diz: *Senhoras, naõ se riaõ;*
Este Burro he cortez, he muito attento:
O meu exemplo segue, e nisto o mostra;
Em vendo Damas a seus pes se prostra.

IV.

Perguntaõ-lhe: *Onde vás?* Diz: *De carreira*
Vou de Neptuno á frígida morada,
Que foi lá Jove em trage de frasqueira,
Jantar com elle a bella caldeirada.
Toda a familia foi por brincadeira
Em fralda, como acçaõ de encamizada:
Eu levo os vinhos do armazem de Bacco,
De Apollo a Lyra, e a caixa do tabaco.

V.

Parte Mercúrio : as Deozas inflammadas
 Por naõ acharem Jove , a quem buscavaõ ,
 Contra os Toireiros Serpes assanhadas
 No seu veneno a morte lhe apromptavaõ.
Vamos (Astréa diz) vamos armadas
Tecer morte aos crueis , q̃ aos Bois matavaõ :
Hoje se haõ de acabar ímpios Festeiros ;
Salvar os Toiros , extinguir Toireiros.

VI.

Vamos buscar aos Neptuninos lares
A justiça de Jove Omnipotente ;
Vamos ao longo dos cerúleos mares
Ver , onde dorme a tímida corrente.
 Vulcano diz : *Eu sei , que em taes jantares*
Jove se alegra , e faz-se mais clemente :
Bacco fará , que nos conceda a graça
De Toireiros findar , punir tal raça.

VII.

Na fresca margem do Oceano undozo
 Tem Neptuno alta penha por morada:
 Fria cascáta, bosque salgueirozo
 Daõ parda sombra á gruta marchetada:
 Tem por guarda ao rochedo cavernozo
 Tritões, que empunhaõ longo peixe espada:
 De feio aspecto, e de furor armados,
 De verde limo, e mexelhões fardados.

VIII.

Da sábia Natureza as mãos abríraõ
 Na penha Regia sala, e seis janellas:
 Lindas pelles de cobra lhe erigíraõ
 Bem matizadas nobres gambinellas.
 Conchas de Madre-pérola a vestíraõ,
 E o tecto ornado de outras conchas bellas:
 De Santóllas, e búzios transparentes
 Cinco formózos lampiões pendentés.

IX.

Da pedragoza sala os ornamentos
 São d'alto preço, e de bem rara ideia;
 Cascos de Tartaruga por assentos,
 E hum canapé de barbas de Baleia.
 Mezas forradas por subtís inventos
 De pintadinhas pelles de Moreia:
 Em verde chaõ brilhante leito erguido
 De aljofar, de oiro, e de coral tecido.

X.

Ha por espelho hum lago d'agua pura;
 Onde Neptuno a grenha penteava,
 Onde enfeitava a feia catadura
 Em Março, quando as barbas tosqeava:
 Onde ás vezes por brinco, ou por loucura
 Vendo as Ninfas nadar, tambem nadava:
 E onde em noites calmózas dormir vinha,
 Quando na cama percevejos tinha.

XI.

Cercado alli de servos, de parentes
 No leito estava Jove reclinado,
 Com sêcco junco esgravatando os dentes,
 Como quem de jantar tinha acabado.
 Com conchas de café vem os serventes,
 Por cafeteira hum búzio marchetado;
 Em casco de Santólla assucar trazem,
 De Lingoeirões as colherinhas fazem.

XII.

A Jove o levaõ, mas com tal respeito,
 Que o joelho tres vezes lhe dobravaõ:
 Quatro Ninfas, que estavaõ junto ao leito,
 Com espadana as moscas lhe enxotavaõ.
 Bebe, e diz: *Forte calma me tem feito*
O bom Falerno! As Ninfas o abanavaõ;
 A huma Jove diz, e a maõ lhe beija:
Abanada no Ceo tua alma seja.

XIII.

Manda a todos beber; e assim dizia:
Eébaõ café de mais, que he proveitozo;
Vaõ beber, vaõ brincar; quero alegria;
E eu brincára tambem, mas sou gotozo.
 Sem cauza chora, sem motivo ria;
 Olhos em alvo, gesto desgostozo:
 Os sócios, porque o vem quasi sem sizo;
 As caras voltaõ a estalar com rizo.

XIV.

Neptuno alçando o vingador Tridente
 Todo o Oceâno por buzina chama:
 Manda, que adore a Jupiter potente
 Deitado á fresca na brilhante cama.
 Soberbas ondas de medonha frente,
 De horrendo aspecto, que o terror derrama;
 Chegaõ á praia, em turmas se repartem,
 Curvaõ-se humildes, recuando partem.

XV.

Seguem-se os Generaes Monstros marinos
 Que tem das tropas o total commando;
 Estes com susto, como Réos ferinos,
 Erguem as trombas, fogem margulhando,
 Na recta guarda os Peixes mais meninos,
 Por pelotões as frentes levantando:
 Em cardumes vem tenros innocentes,
 Como creanças, a brincar contentes.

XVI.

Tambem por ver a Jove concorriaõ
 Longos Safios, tímidas Eirozes,
 Que entãõ n'areia loira só faziaõ
 Festa c'o rabo, por faltar-lhe as vozes:
 Mil cabriõlas de prazer teciaõ
 Rubras Lagõstas, Camarões velozes:
 Mas qué mais vénias fez? Qué mais cortejos?
 Os desprezados, pobres Caranguejos.

XVII.

As Tartarugas vinhaõ carregadas
 Com a portátil caza, em que nascêraõ;
 Mas taõ pobres, em fim, taõ arrastadas,
 Que nunca em caza traste algum tiveraõ.
 Sahindo d'agua mesmo assim molhadas,
 Porque mudar de fato naõ puderaõ;
 Ora estendendo os collos mui contentes,
 Ora escondiaõ de respeito as frentes.

XVIII.

Na gruta d'Eòlo o vento adormecia
 Ao Cantico das Ninfas engraçadas:
 De Nereidas hum côro além surgia
 Margulhando as madeixas desgrenhadas.
 Qual na Junqueira dentro d'agua fria
 Brincaõ no banho as Damas delicadas:
 E os limózos mariscos taõ fechados
 Abrem as boccas, do que vem, pasmados.

XIX.

Em quanto Jove esteve somnolento,
A Alegria tambem com somno estava;
Jove acorda: o geral contentamento
Do baccante lethargo em si tornava.
Entaõ todo o marítimo instrumento
Com timbale, e buzina alli soava:
Múzica digna de hum escuro Averno,
Que lá chamaõ do Ceo, mas he do Inferno.

XX.

Rompe-se a tormentóza gritaria,
Que Neptuno inventou por nobre festa;
Jove estremece, irado entaõ dizia:
Calem com mil diabos tal Orquesta.
Chama a Apollo: elle ás vénias, que fazia
Cahio: no leito foi marrar c'õ a testa:
Jove lhe diz: *Levanta-te, borracho;*
Vai cantar, vai, que estás bê como hum cacho.

XXI.

Apollo vai buscar com mão incerta
 A Lyra, que he chamada ao Sacrifício:
 Elle as cordas alarga; elle as aperta,
 Tratos lhe faz no mízero supplicio.
 Quer cantar Versos; porêem nada acerta:
 Forte desgraça do Juiz do Officio!
 Principia huma Ode magestôza,
 E acaba n'uma Décima rançoza,

XXII.

As somnolentas Muzas desmaiadas,
 Que afflicto o Mestre no combate viaõ,
 Bem que da mesma abelha estaõ picadas;
 Em seu soccorro intrépidas corriaõ.
 As angélicas vozes delicadas
 Em alegres Canções a Jove erguiaõ;
 Mas qual grande alfaiáte Ambrozio Borges;
 Que ao fazer huns calções; fez huns alforges.

XXIII.

XXIII.

Assim as tontas Muzas, que emprehendêraõ
Cantar a Jove (que taõ mal cantáraõ)
Logo huma Sátyra em louvor fizeraõ,
Pois com Plutaõ a Jove comparáraõ.
Humas tenro Cupido o descrevêraõ,
Outras casto, qual Venus, lhe chamáraõ;
Thalía vai chamar-lhe Omnipotente,
Erra-lhe o nome, chama-lhe Impotente.

XXIV.

Jove entaõ desatando em gargalhadas,
Clama: *Bravo, Thalía, he bella asneira!*
Rindo os Deozes atrôaõ com palmadas:
He cazo raro! He forte maganeira!
Bacco vem, ao mótim d'altas rizadas,
Metter lenha ao fogaõ da borracheira:
Elle faz, que se esgotem trinta infuzas;
Vaõ bailar o londum Apollo, e Muzas.

XXV.

Venus, vai ser no baile depravado
 Abelha mestra, e de bailar não cança ;
 Porém lá grita Jupiter honrado :
Deixem ás Furias essa infame Dança ;
Vão dançar Minuete afandangado,
Cotelhom, Bellangé, ou Contradança :
Para os servos de Amor são bailes nobres ;
Visco dos grandes, chamariz dos pobres.

XXVI.

Eisque chegaõ Vulcano, Astréa, e Fama ;
 Prostraõ-se a Jove, adorações lhe rendem :
 Astréa alçando a voz, assim declama :
Excelso Numen, de que os Ceos dependem :
O' mão Potente, que aos mortaes derrama
Celestes luzes, que a razaõ lhe accendem :
Estas luzes, Senhor, os Luzitanos
Tem apagado, fazem-se inhumanos.

XXVII.

Os nobres Luzos, que de verdes loiros
 Cingidas tem as venerandas frentes,
 Hoje á maneira dos tyrannos Moiros
 Combatem Bois, que saõ seus bons serventes;
 Cortaõ as pontas dos armados Toiros,
 Por fraqueza dos impios combatentes;
 A'quelles Bois, q' os servem, q' os sustentãõ,
 A'quelles mesmos extinguir intentaõ.

XXVIII.

Sóbe a taõ alto cume esta impiedade,
 Que naõ só pagaõ mal ao Toiro amigo;
 Porém calcando as Leis da Humanidade;
 Aos loucos levaõ ao mortal perigo.
 Tal delicto, Senbor, tal crueldade
 Grita, e nos pede hum exemplar castigo:
 Senaõ, vereis nas guarras da Desgraça
 De Bois, e loucos extinguir-se a raça.

XXIX.

XXIX.

Entaõ a Fama a doce voz erguendo
 A Jove fala: *Padre Soberano,*
A cujo Império tréme o Lago borrendo;
A cuja voz se humilha o tosco humano.
Eu vèrgonbóza injúria estou soffrendo
Do cego Povo, Povo Luzitano;
Pois na morte dos Toiros daõ gaitadas
No meu Clarim as bôccas engraixadas.

XXX.

Eu já não canto, qual cantava d'antes
Por não me equivocar com taes caloiros;
Pois quem me ouvir cantar acções brilhantes;
Dirá talvez, que he bando para os Toiros.
Não consintais, Senhor, que taes pedantes
Me arranquem da cabeça os Sacros Loiros;
Mas se negros Clarins quereis, que sôem,
Azas de pão lbe dai, com ellas vóem.

XXXI.

Aqui Vulcano a Deoza interrompendo,
 Clama: *Senhor, justiça contra a terra:*
Revóltos Luzos vos estaõ tecendo
A mais injusta, vergonbóza guerra.
Nas tragédias Toiræes festas fazendo,
Contra o Ceo raios lança a gente perra:
Raios, que em luzes bellas se desfazem,
E assim guerra tambem aos Astros fazem.

XXXII.

Que atormentem aos Bois seus bemfeitores,
He feia ingrátidaõ, dura impiedade;
Que sejaõ de bomens nescios conductores
Ao sacrificio, he summa crueldade:
Mas que ataquem ao Ceo, ao Ceo traidores!
Que horrivel crime! Enorme atrocidade!
Ab! Vingai-vos, que eu forjo os raios logo;
Eu tenho Brontes, tenho ferro, e fogo.

XXXIII.

Jove , que em pimentaõ a cõr tornava ,
 Mordendo o beijo , o pé no chaõ batia ,
 Os scintilantes olhos inflammava ,
 E até d'irado o queixo lhe tremia :
 Sólta a voz , qual torvaõ , com que abalava
 A rocha , o leito , o bosque , a praia fria :
Abraõ-se os Ceos , em raios se desfaçaõ ;
Do Averno as Fúrias respeitar-me façaõ.

XXXIV.

Bacco a Jove piedade humilde clama ;
 Venus , e as nove irmãas clemência imploraõ :
 Aquelle , seu bom Deos , bom Pai lhe chama ;
 Estas , prostradas a seus pés lhe chóraõ.
 Bacco de vinho lágrimas derrama ,
 Que por taes , dignas de piedade fôraõ ;
 Pois como em Jove Bacco he , que influía ,
 Tudo alcançava , quanto ao Pai pedia.

XXXV.

XXXV.

Bacco lhe diz : *Engana-se Vulcano :*
Raios não manda ao Ceo a Luza gente ;
He fogo de artificio, que sem damno
Sobe ao ar , brilha, e morre de repente.
Deveis saber , que o Povo Luzitano
Respeita ; adora ao Ceo profundamente :
Tem algozes Toireiros , mas são poucos ;
E esses mesmos quem são ? São pobres loucos.

XXXVI.

Hum presumido impávido Barbeiro ,
Que ao Boi de carro intrépido fugia ;
Hum bello , ensarolado Sapateiro ,
Que só do Toiro a pelle pertendia :
Hum , nas costas pejado , hum funileiro
Para o Boi o curar ao Boi corria :
Estes os Contendores valorózos ,
Todos bem pagos pelos Bois piedózos.

XXXVII.

*Estes da morte perservar dezejo ;
 Meus bons amigos saõ, meus bemfeitores :
 E nas funções do seu Toiral festejo
 Naõ tem mãos a medir os meus Feitores :
 Eu esgotada a minha adega vejo
 Por estes, mais do que eu , bons Professores :
 Se os naõ salvais , Senhor , arranco as vinbas ;
 Compro hum jumento , e vou vender sardinhas.*

XXXVIII.

*Bacco , deitando-lhe agua na fervura ,
 Apaga o fogo , que inflammado estava :
 Jove abraça a razaõ , beja a ternura ;
 Ao triste filho , qual bom Pai falava :
 Filho , a piedade , a sãa justiça pura
 Risquem Sentença , que a paixãõ dictava :
 Fulguei sem prova transportado , e louco ,
 Talvez porque me ergui da meza , ha pouco.*

XXXIX.

XXXIX.

*Viva em paz esse Povo, que venera
 O meu poder, as miúbas Leis saudaveis;
 Mas a intacta Justiça não tolera,
 Que eu soffra em paz verdugos detestaveis.
 Os teus amigos perservar quizera;
 Mas minbas Leis são sempre inalteraveis:
 Tu, se perdes dois pobres Portuguezes,
 Onde ha bons vinhos, sempre ha bõs freguezes.*

XL.

*Jove a Mercúrio chama: elle trotando
 Chega, ajoelha, ao Deos Tonante adora:
 Jove lhe diz: O' lá, tu vai voando
 A' Luza Côrte, onde a Virtude mora:
 Vai pelo fdro a Praça procurando,
 Onde de Toiros ha combate agora:
 Entaõ chega-te aos Bois, infunde-lhe ira;
 Pede a Marte o valôr, valôr lhe inspira.*

XLIX

XLI.

XLI.

*Dize em segredo aos Toiros desgraçados,
 Que eu lhe mando intimar, qual terno amigo;
 Que aos Combatentes lorpas, e enganados
 Arrastem, rompaõ sem mortal perigo;
 Mas os valentes de vaidade armados
 Vejaõ seu sangue, vejaõ seu castigo:
 Netos, Capas, Festeiros, todos juntos
 Vaõ triunfando em carro de defuntos.*

XLII.

*Já satisfeita estás, queixoza Astréa;
 A ti não satisfaço, ó triste Fama,
 Pois não devo punir por culpa fêa
 A çuja bocca, que o prazer derrama.
 Ame o rouco Clarim gente plebéa,
 Que a negras mãos entrega a frágil Dama:
 Dezejando lhe sáia em preto a sorte,
 Tendo em prémio hũ bõ mestre, ou bõ consorte.*

XLIII.

XLIII.

*E vós , ó filhas fêmeas , filhos machos ,
Que estais fazendo ao somno cortezias ;
Ide cantar n'um côro de borrachos
Bons Dythirambos , baccanaes Poezias.
Bacco o sangue vos dê de loiros cachos ,
Que alonga os dias , os doirados dias :
Deixai-me só ; e em quanto eu durmo a sêsta
Fazei farças , folias , fazei fésta.*



NAME

Faint, illegible text, possibly a list or form entries.



CANTO IV.

A R G U M E N T O.

COrre, v^{oa} Mercúrio occultamente ;
Illustra os Toiros, mais furor lhe inspira ;
Vem dois Caturras, a qual mais demente ;
Mas hum Toiro os toireia, sem que os fira.
Torna o Barbeiro, torna o gosto á gente ;
Sabe hum Toiro, que a terra logo o atira :
Fá Neto ao chaõ, Vaqueiros destroçados ;
Festeiro, e Capas todos vaõ marcados.

I.

Inda o tenro Novilho anda soffrendo
 Tratos crueis dos bárbaros atrozés ;
 Lá vaõ cravar-lhe (que delicto horrendo !)
 Farpas de fogo os pérfidos algozes.
 Lá lhe açulaõ mastins , lá vaõ correndo ;
 Lá lhe filaõ no beijo os cães ferozes :
 Lá clamaõ muitos , que a piedade abraçaõ :
O que ao Boi vós fazeis , os Bois vos façaõ

II.

A tyrannía de affligir cançada ,
 Para os pais manda o mízero Novilho ;
 O consternado pai , a mái magoada
 Naõ podem ver o flagellado filho.
 O pai berrando ; entãõ toda a manada
 Clama , que morra tanto peralvilho :
 Todos agitaõ as agudas pontas
 Para crimes punir , vingar affrontas.

III.

III.

Erguem-se , e clamaõ dois espectadores:
Basta d'asneiras , basta d'impiedades.
 Replicá-lhe hum Cadete : *Ab meus senhores !*
Hoje he , que temos bellas novidades :
Temos dois novos , sábios Contendores
D'heroico esfôrço , e nobres qualidades :
Homens , que encantaõ por belleza rara ;
Chóraõ creanças em lhe vendo a cara.

IV.

Hum dos dois dissolvendo a allegoria:
Bravo! Bravo! (lhe diz) bella pintura!
Mas quem saõ taes Heróes? Saber queria
Se iguala o todo á bella catadura.
 O Cadete lhe torna: *Ab! Bastaria,*
Que de ambos visse a indómitta figura:
He João Burro (1) do bréjo venerado,
E o Almeiraõ fresquinho (2) assim chamado.

V.

(1) João Burro , assim chamado pela plebe , era hum mendigo , que entretinha o Povo com a imitação das vozes de muitos animaes.

(2) O Almeiraõ fresquinho era hum hervanario pobre , velho , e coxo , que apregoava pelas ruas em tòm de cantilena : *Ora o almeiraõ fresquinho.* Estes dois induzidos toireáraõ em Praça pública em Lisboa.

V.

Clama hum delles : *Naõ creia por verdade*
Dos pobres velhos esse louco intento ;
Virãõ talvès por prova de amizade
Aos Toiros consolar no seu tormento :
O Joaõ Burro com bella propriedade
Imitar Porco , arremedar Jumento :
E o hervanário coxo , coitadinho !
Virã trazer-lhe o Almeiraõ fresquinho.

VI.

Quando a esperada scena questionavaõ
 Vôaõ na Praça as vozes d'alegria :
 Eisque os Caturras pela porta entravaõ
 Até a negra Angústia alegre ria.
 De escarnecidas drogas se adornavaõ ;
 Toucada a grenha ás mãos da Zombaria ;
 E os Sendeiros tambem de novas fardas,
 Já trazem séllas em lugar d'albardas.

VII.

VII.

Os Guerreiros, que espóras não traziaõ,
Por não ferir, quem já ferido estava;
A' força de pernadas pertendiaõ
Fazer andar, quem já cahindo andava.
Os lazarentos compaixaõ pediaõ,
Até por terra hum delles se prostrava;
Mas nem brandura, nem já rogos servem;
Os arres sãoõ, as pauladas fervem.

VIII.

Hum dos dois Sardinheiros não queria
Fome, e pancadas; contra os ímpios berra;
Como vê, que humildade os não vencia,
Salta aos pinotes, já Toireiro em terra.
O estirado Guerreiro desconfia;
Já pede a paz, já não quer ir á guerra:
Mas á força de astúcia, e de bons modos
Torna a montar: a atanzar vaõ todos.

IX.

Com rizadas , injúrias , e alarídos
 Aos quatro irmãos o Povo festejava ;
 Hum diz , que de hum Muzeo vinhaõ fugídos ,
 Outro para hum Prezépio os cubiçava.
 Hum , que magros os vê , iguaes , e unídos ,
 Dois pares d'escalados lhe chamava :
 Todos lhe avançaõ , ninguem fica mudo ;
 Elles sem jogo vaõ topando a tudo.

X.

Sim , que o baccante Numen providente ,
 Que ao triste alegre , que embravece o brando ;
 Lá dentro lhe inspirou , que alegremente
 Tudo soffressem , nunca desmaiando.
 Os Capinhas , e o Povo (oh cruel gente !)
 Todos a sôpa vaõ no mel molhando ;
 Mas hum dos dois , d'insultos mais ferido
 Manda a todos beber por ter bebido.

XI.

Todos achão sabôr no mandamento ,
Bem q̃ o não cumprem (gentes mal mandadas!)
Mas todos com geral contentamento
Sóltaõ mil *bravos* , sóltaõ gargalhadas.
Eisque o prenhe toiril por novo invento
Hum Boi pario de ideias delicadas :
Hum Boi de tal pensar , de taes miólos ,
Que por tolo não ser , não soffre os tolos.

XII.

O Toiro apenas vio a luz do dia ,
Vio quatro brutos (collecção bem rara !)
Então rapando o pé vénias fazia ,
Qual valentaõ na esgrima se prepara.
Os loucos julgaõ , que isto he corbardia ;
Vaõ provocar o Boi de cara a cara :
O Boi os quer soffrer por equidade ;
Mas pensa em doutrinálos por piedade.

XIII.

Corre a dar-lhe lições, sendo a primeira
Fazer, que humildes duro chaõ beijassem;
E figando-os n'acção de cristeleira
Deo-lhe ajudas de custo, que os curassem.
Hum, que estirado está, foge á carreira,
Antesque mais mézinhas lhe applicassem:
Outro quer levantar-se, naõ podia;
Mas o bom Toiro por piedade o erguia.

XIV.

Coxeando lá vaõ, mas educados;
No corpo levaõ a doutrina impressa:
Da loucura tambem já vaõ curados
Com sãas operações na vãz cabeça.
Os gazéllos por muito mézinhados
Hum salta aos coices, outro foge á pressa;
E o Boi vendo correr taõ bons Guerreiros;
Elle os ajuda a andarem mais ligeiros.

XV.

XV.

Qual Charlataõ Dentista em longa Praça,
Que ao som dos gritos tira ao pobre o dente,
Com rozário de dentes faz negaça,
Movendo a desdentar-se a bruta gente:
Tal o benigno Toiro até de graça
Quer curar sábio, quer curar demente;
Bem que alguns fujaõ d'elle por loucura,
Dando ao diabo o curador, e a cura.

XVI.

Em quanto os dois Caturras praguejavaõ
Ao Boi cruel, e ao bárbaro Festeiro;
Dois lépidos Capinhas se apromptavaõ
Com farpas para o béllico matreiro.
Ao Tribunal supremo ajoelhavaõ,
Rêde para pescar-lhe algum dinheiro:
Se bem que o Toiro he recto, he generoso,
Taõ bom trabalho pagará brioso.

XVII.

Com róta capa, com farpado ferro
 Correm ao Boi, que astuto lhe fugia;
 Elles, que o julgaõ tímido bezerro,
 Hum lhe brada a correr, outro assobia:
 O Boi manhozo os cança, até que a hum berro
 Torce a vareda; contra os dois corria:
 A hum quebra por graça huma costella;
 Com outro em ar de brinco joga a pélla.

XVIII.

O Toiro os quer tirar piedozamente
 Da triste vida, vida de amargura;
 O Senado invejozo não consente,
 Que taes borrachos gozem tal ventura:
 Manda matar o Boi por delinquente;
 Hum algoz toma a espada, ao Boi procura:
 Morre á traiçaõ o arrimo dos Baccantes,
 Pai dos Caturras, Mestre dos Pedantes.

XIX.

Em quanto os denegridos anojados
 Vaõ dar ao Toiro tabernal jazigo,
 Os fallidos Capinhas escornados
 Gemem com dôres em mortal perigo:
 Festeiro, e sócios de rigor forrados
 Todos lhe negaõ caridozo abrigo:
 E o Povo sente mais do Toiro a morte,
 Que dos feridos a funesta sorte.

XX.

Nega aos afflictos fraternal piedade
 O parecido bárbaro Festeiro,
 Porque exaurio seus cofres d'equidade
 Com o tremente pállido Barbeiro:
 Fez, que naõ visse acções de urbanidade
 Do Toiro Mestre, Mestre Cristeleiro:
 Mette-lhe pêtas, com que engana aos tolos;
 Dá-lhe nova alma com licôr, e bolos.

XXI.

Diz-lhe , que hum manco Boi se segue agora ;
 Boi , que por velho de bordaõ carece :
 Hum Boi já bisavõ c'os dentes fóra ,
 Que até flatos estéricos padece.
 Atrás das pêtas bolos sem demora :
 Sobre dez copos outro mais lhe offrece ,
 Dizendo : *Vá mais este sem cermónia ;*
Beba á saúde da engraçada Jónia.

XXII.

De Jónia o nome , e do falerno o gôsto
 Tornaõ no triste a feia noite em dia :
 Com parvo rizo , rubicundo rôsto
 Mais se alegrava , quanto mais bebia.
 Quer-se erguer , cambaleia : em pé já pôsto ,
 Péga no copo : com furor dizia :
Brindo a Jónia ; e por ella juro a Bacco ,
Que hei de vencer dos Bois o Boi mais fraco.

XXIII.

XXIII.

O Festeiro com rizo , com palmadas
Bravo , bravo (lhe diz) meu caro amigo !
Essas razões do seu valor geradas
A Fama honróza as levará consigo.
Vamos mostrar ás gentes impéstadas ,
Que Heróes não fogem ao maior perigo :
Aprenda o mundo a respeitar Guerreiros ,
Aprendaõ Toiros a temer Barbeiros.

XXIV.

Com voz baccante o lorpa lhe protesta :
Por sua conta , e risco eu vou lá fóra :
Farei , que o Toiro diga mal da festa ;
Mas se elle avança , eu fujo , e vou-me embóra.
O Festeiro lhe diz : Que história he esta !
Eu affianço o Boi : descança agora :
Por elle eu pagarei : juro , e trejuro.
Basta (responde) agora vou seguro.

XXV.

XXV.

Busca hum Cavallo humilde, e soccegado;
 Pois naõ quer bailarinos saltadores;
 Daõ-lhe hum; ouve-o rinchar, grita assustado:
Ri-se de mim! Naõ quero rinchadores.
 Acha hum velho Rocim triste, curvado,
 Qual fallido entregando-se aos Crédores:
 Salta a abraçálo, e clama: *O' bello amigo!*
Este he manso, parece-se comigo.

XXVI.

Monta-se ás véssas, sem chapeo, e espada;
 Todos sorrindo-se a montar o ajudaõ:
 Benze-se, e clama entaõ com voz irada:
Se he manso o Boi, naõ quero, que me acudaõ.
 Vai tirar o chapeo: ferve a rizada,
 Porque o naõ tem; mas de projecto mudaõ:
 Com falso zelo os ornamentos trazem;
 Compoem-se, e tróta: pêtas mil lhe fazem!

XXVII.

XXVII.

Elle , que unguido vai , vai bafejado
Pelo brujáqueo Deos , que o ama , e beja ;
Qual Vezuvio voraz corre inflammado ,
Só porque Jónia triunfante o veja.
Leva Amor por valente , e Bacco ao lado ;
Este lhe influe a glória da peleja :
Que estime de juizo ser taõ pobre ;
Que o manto da Ventura aos tollos cobre.

XXVIII.

Sahe á Praça o Heróe , sahe a Alegria
De júbilo orvalhando o Povo inteiro ;
Na peixeira naõ he mais bello o dia ,
Em que a despóza o sórdido barqueiro.
Fervem as palmas , ferve a gritaria ;
Tudo irónico incenso ao bom Guerreiro :
E elle attento clamando : *Ab! Sem cermónia ;*
Eu venho logo : vou falar a Jónia.

XXIX.

XXIX.

Ao sôm de acclamações , ou de assoadas
 Vai cortejar a barbeiral Charrúa ;
 Chega , pára , e com trinta barretadas
 Recuar quer ; mas o Cavallo amúa :
 Puxões , espóras , murros , soffreadas
 Soffre o bruto a pé firme , e naõ recúa :
 Porque naõ digaõ (vendo taes asneiras)
 Que ambos foraõ jantar ao Talaveiras.

XXX.

Vendo o cortez amante , que o grosseiro ;
 Mal creado , incivil naõ recuava ,
 Bota-se a terra ; salta no sendeiro ,
 Mil coices , murros , bofetões lhe dava ;
 Tudo prudente soffre o sardinheiro ,
 Só porque vê , que Bacco he , quem lhe dava ;
 Chovem mais sôcos ; clama hum maldizente :
Faça-lhe a barba de huma vez sómente.

XXXI:

XXXI.

Elle ao Cavallo as ventas escanhôa ;
 De péjo a louca Dama s'escondia ;
 Geral insulto pela Praça vôa ;
 D'infames vozes todo o ar se enchia.
 Hum, Bêbado lhe chama, elle encordôa ;
 Despindo a espada, o Povo desafia :
 Outro grita : *A sou fézes dos Barbeiros !*
 Elle irado lhe diz : *Fóra, bréjeiros.*

XXXII.

Correm Capinhas, o Festeiro corre ;
 Todos o adoçaõ, o Festeiro o abraça,
 Dizendo : *O' caro amigo, quem discorre,*
Naõ desconfia de taõ simples graça.
 Elle responde : *Amigo, boje aqui morre.*
Tudo, quanto está dentro desta Praça :
Todos me insultaõ por diversos modos :
Com esta espada hei de enfiar a todos.

XXXIII.

XXXIII.

O Festeiro lhe tórna: *Amigo, eu falo*
Bem livre de querer suor albeio:
Sei, que offendido foi: hei de vingálo,
Antes que a noite estenda o manto feio,
Deixe os loucos falar; monte a cavallo;
Naõ lhe responda, que he prudente meio;
E verá logo mesmo em ar de péta,
Que tudo vai daqui para a calcêta.

XXXIV.

Bravo (lhe diz o Heróe) já vou contente;
Ab! Com quanto prazer eu verei logo
Aquella iniqua, infamadora gente
Com braga, e com barril dar agua ao fogo!
Naõ absolva, senaõ Jónia sómente.
 O Festeiro lhe diz: *Basta o seu rôgo.*
Tira, e lhe offrece hum vidro de Genebra;
Elle por Jónia o bebe, e o vidro quebra.

XXXV.

XXXV.

Monta ; empunha o rojaõ ; corre , qual vento ,
Com brônzeo peito a dar o corpo aos tratos ;
Bacco escudo lhe deo ; nenhum tormento
Pode ferir-lhe mais , que os velhos fatos .
Grita ao toiril com inflammado alento :
Sáia o Boi velho , que padece os flatos .
E atrás da porta do toiril se abriga ,
Porque já sente dores de barriga .

XXXVI.

Em vez do velho Toiro , que esperava ,
Sahio d'Aula toirina hum destro Lente :
Hum Boi , que aos sábios Bois as Leis dictava ;
Boi , que tremer fazia o mais valente ,
O Mestre Boi tranquillo passeava
Por não ver o escondido combatente :
Este , que ao Boi temeo mais , que ao diabo ,
Vai c'o a lança á traiçaõ , fere-lhe o rabo .

XXXII.

XXXVII.

O Boi sobre o traidor , qual raio parte ;
 O Cavallo por fraco mal corria :
 O Boi lhe busca a esquerda por nova arte ;
 O Heróe , gritando *Ab que d'ElRei* , fugia.
 Ambos correm por huma , e outra parte ;
 Chorava o lorpa ; mas o Povo ria :
 Até que o Mestre decidio a guerra ;
 Cavallo , e Contendor foi tudo a terra.

XXXVIII.

Eis o carnal caçaõ fica estendido ,
 Erguendo as mãos , pedindo ao Boi clemência ;
 Mas o Boi , que está d'elle bem servido ,
 Só quer pagar-lhe , por ter sãa consciência :
 Dá-lhe huma cambalhóta , e do vestido
 Leva (3) hũ quarto nas pontas com violência :
 Mostra ao Povo o troféo d'alta victória ,
 Que ha de levar ao Templo da Memória.

XXXIX.

(3) Igual scena acontceco a hum Barbeiro lorpa
 toireando em huma Praça em Lisboa.

XXXIX.

Correm Capinhas , valentões chibantes
 Em defesa do Heróe já toireado :
 Todos com guarras de Leões possantes
 Juraõ virar do avesso o Toiro irado.
 O Boi vendo os temiveis Elefantes
 Faz-se cordeiro , observa-os soccegado :
 Querem cercálo por diversos modos ,
 Com todos parte : vai marcando a todos.

XL.

*Naõ vos mato (o Boi diz) vêde , insolentes ;
 Quaes sois , quaes somos nós : nós servidores ;
 Vós ingratos , crueis , vós inclementes ;
 Nós humildes , fiéis , nós soffredores.
 Nós vos fazemos abundar contentes ;
 Vós tormentos nos dais , ímpios traidores !
 Nós vos servimos , nós vos sustentâmos ;
 He esta a gratidaõ , que em vós achâmos ?*

XLI.

XLI.

Convencei-me , falai ; os tristes calaõ :
 Despara hum berro ; os miseraveis tremem :
 O Boi lhe clama : *Os Scipiões naõ falaõ !*
Já saõ formigas ! Meu furor já temem !
 Elles tremendo a dura terra abalaõ ;
 Elles feridos em silencio gemem :
 Ora de pejo o çujo rosto escondem ;
 A voz suffocaõ , só os ais respondem .

XLII.

O portentozo Boi , que tem tornado
 Lobos crueis em tímidos cordeiros ,
 C'o as pontas deixa o nome seu gravado
 Nas brutas carnes dos padrões toireiros .
 Elle já vencedor busca inflammado
 Novos combates , bélicos Guerreiros :
 Acha o Neto , o valente , o destemido ,
 De susto armado , de pavor vestido .

XLIII.

XLIII.

O Boi , que a viva estátua em frente via
 De robustos Vaqueiros bem murada ;
 Em tòm de graça com furor partia ,
 Estátua , e muro a trambolhões prostrava.
 O Festeiro na porta incauto ria ;
 O Boi , que o pesca , hum tombo lhe pregava :
 Mas dá-lhe hum boléo alto o Boi benigno ,
 Que hum grande Chefe d'alto posto he digno.

XLIV.

Quando hum Dueto de ais a Praça atrôa
 D'afflicta Jónia , e do mortal Barbeiro ,
 Terceira , terna voz além resôa
 Do justigado , mízero Festeiro.
 Grita hum alto clamôr , que aos ares vôa :
O' bravo Toiro , Toiro justiceiro !
A esse , que induzio pobres , e tollos ,
Dá-lhe tambem do teu licôr , e bollos.

XLV.

XLV.

Mas o piedozo Boi, o Boi prudente
Quer com seu sêllo os lorpas só marcados;
Quer ao mundo mostrar, que Heróe valente
Matar não deve afflictos conquistados.
Na trincheira do Sol vê tosca gente;
Vê, que o provocaõ mil bordões alçados:
Elle em honra se inflamma, agita as pontas;
Salta á trincheira: vai vingar affrontas.

XLVI.

No salto esmagador, oh que alaridos!
Funesta confuzão! Tumulto horrendo!
Rôtas cabeças, cõrpos destruídos;
E o Boi, qual vara os cachos espremendo:
Elle c'os pés nas fendas supprimidos
Brama, esbraveja, esforços vãos fazendo:
Eis de forcados duro bando corre;
Por mãos traidoras o Boi prezo morre.

XLVII:

XLVII.

Quando o zarólho algoz com mão impia
 No Rei dos Toiros mortal ferro crava;
 Berros do Boi, do Povo a gritaria,
 Que dissonante, horrivel sôm formava!
 Ferve a manóbra, ferve a berraria
 Guindando o Toiro, que enterrado estava:
 Corre a pia irmandade dos Negreiros;
 Lá vai fazer-lhe officios carniceiros.

XLVIII.

*O' grande Boi, que em frio chão descansas
 (Clama do Toiro hum lacrimozo amigo);
 Tu, que pizas Guerreiros, quebras lanças,
 Revive, ou leva os Charlatães contigo. O
 Parca feroz, que de matar não cansas,
 Deixa o melhor dos Bois, dos Bois o abrigo:
 Deixa-o punir os torpas, q' aos Bois correm;
 Q' entãõ nem morrẽ Bois, nem torpas morrẽm.*

XLIX.

Huns contra a Morte em alta voz gritavaõ
 Por lhe roubar o raio dos Toireiros ;
 Os feridos á Morte as graças davaõ
 Por matar quem matava os bons Guerreiros.
 O Contendor, e Jónia em vaõ clamavaõ :
Maldito Boi, desgraça dos Barbeiros !
 Ergue-se o Contendor, o fraco, o choxo,
 Ferido, e sujo, esfrangalhado, e coxo.

L.

A grenha intonsa na enfiada frente
 Em pardo pó, em rubro sangue envolta ;
 Ao terno mágoa faz, faz dôr vehemente ;
 O ímpio dá-lhe hum *bravo*, o rizo solta.
 Da classe barbeiral (*piadóza gente !*)
 Corre a amparálo huma robusta escolta :
 Até Jónia por sórdida criada
 Manda ver o seu bem : triste coitada !

LI.

Quando ao triste os amigos apiedavaõ ,
 Sahe á Praça correndo a suja moça :
 Rizos , palmas ; mil pêtas resoavaõ ,
 Sem que a ternura reprimilos possa.
 Ella aparta os piedózos , que o cercavaõ ;
 O triste , vendo-a , mais seu pranto engrossa ;
 Ella estátua , elle imagem d'agonia ;
 Elle chora , ella chora , o Povo ria.

LII.

Entre soluços ella a voz erguendo
 Clama : *Senhor , minha ama desgraçada*
Lá fica em convulsões , quasi morrendo ,
Fria , sem côr , em pranto suffocada.
 Elle geme , e responde : *Eu vou soffrendo*
Contra meu gosto a morte atraçoada.
Vai , rapariga , dize a Jónia bella ,
Que se eu desta morrer , não posso ir vèlla.

LIII.

Olha, dize-lhe mais... tens-me entendido?
 Dize-lhe, que eu... porém se te esqueceres,
 Muito em segredo dize-lhe ao ouvido,
 Que eu... q̃... em fim, lá dirás, o q̃ quizeres.
 Esta Praça anda á roda! Ai! Eu ferido!
 He porque o Sol não faz os seus deveres,
 Eisque impéra o licôr d'amendoa amarga!
 Elle geme com pezo; arrója a carga.

LIV.

Vai-se a afflicta Lacaia praguejando
 Festeiro, e festa, bebedeira, e Toiro:
 O moribundo em braços vai clamando
 Contra o Festeiro mais cruel, que hum Moiro,
 O Sol, que esteve triste a acção notando,
 D'envergonhado esconde o gesto loiro:
 A Thétis vai contar bramando d'ira
 Barbaridades, que entre os Luzos vira.

LV.

O descontente Dia vai fugindo ;
Porque não pode ver mais crueldades ;
A caudatária Noite o vem seguindo
Para a scena fechar das impiedades.
Lá vem o Toiro bréjeiral sahindo
Dar do resto da meza as caridades :
Ah! Como anda cercado de pobreza!
Mas dando a todos com igual grandeza.

LVI.

Sáhe o Povo em ferventes enxurradas ,
Qual o rebanho do curral saltando :
Hum em raiva se inflamma, outro em rizadas ;
Este applaudindo, aquelle murmurando.
Hum descreve o Boi mestre das marradas,
Outro os pobres piegas lamentando :
Hum louva em Décimas lânguidas, frígidas ;
Tece outro Crítico Sátyras rígidás.

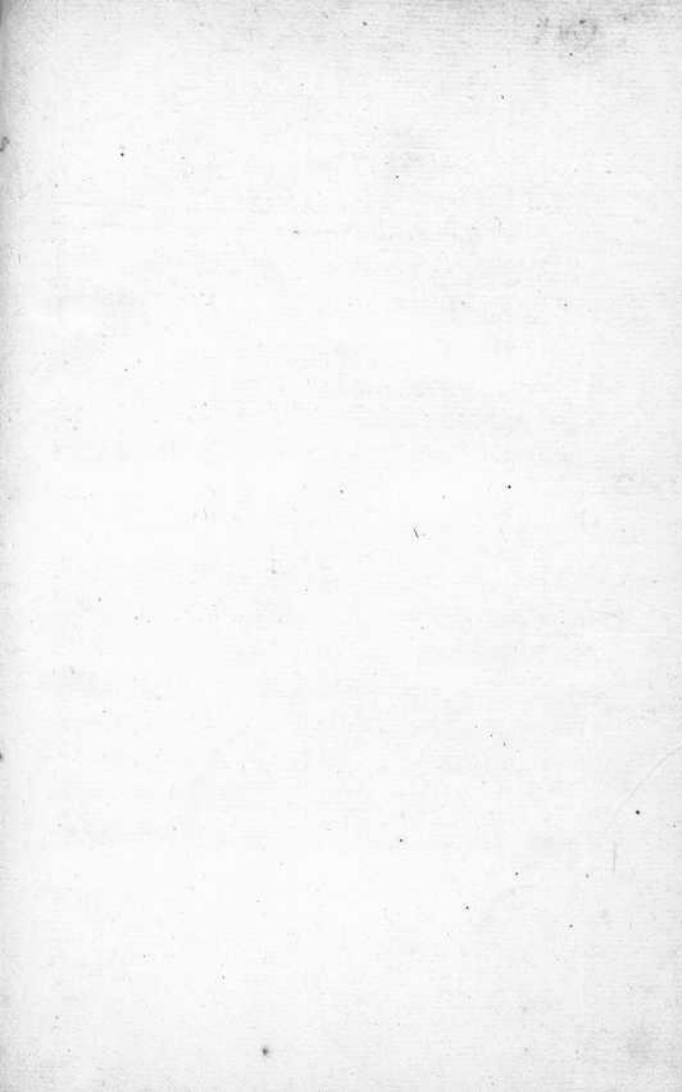
F I M.

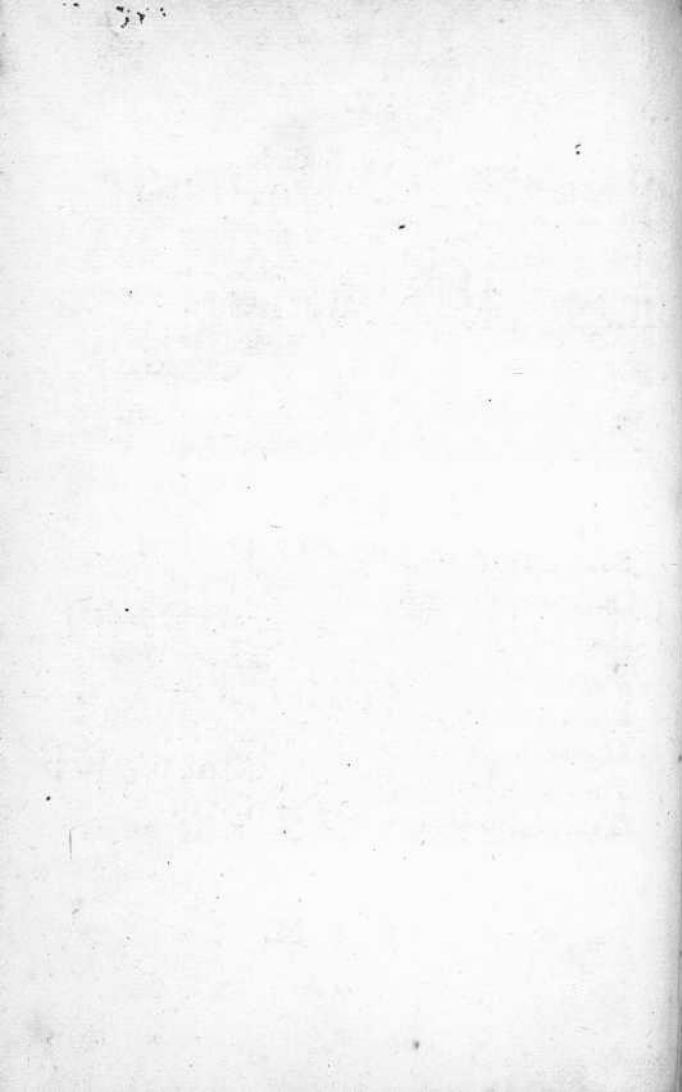
L.V.

O descontente Dis vai fugindo ;
 Porque não pode ver mais crueldades ;
 A constância Noite o vem seguindo
 Para a scena fechar das impiedades.
 Já vem o Torro imperial saindo
 Das do ferro da toca as crueldades ;
 Ah! Como cada estado de governo
 Mas hálio a todos com igual grandezas.

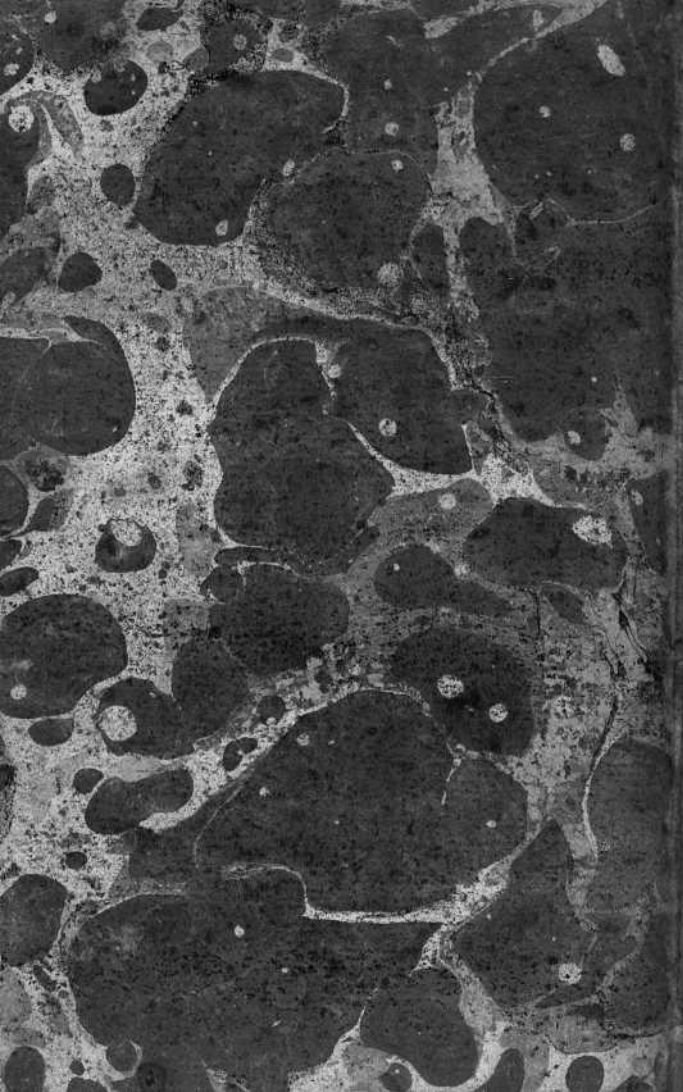
L.VI.

Sabe o Povo em favores exultando ;
 Qual o robando do canal eslando ;
 Hum em terra se vai, outro em terras ;
 Este apinhando, aquelle murmurando.
 Hum escreve o Rei mestre das marças,
 Outro os pobres piezas lamentando ;
 Hum louva em Decimas, lânguidas, rígidias ;
 Tão outro Couco, Sáytes rígidias.





180^{md}.



MARQUES DE SAN JUAN DE PIEDRAS ALBAS

BIBLIOTECA

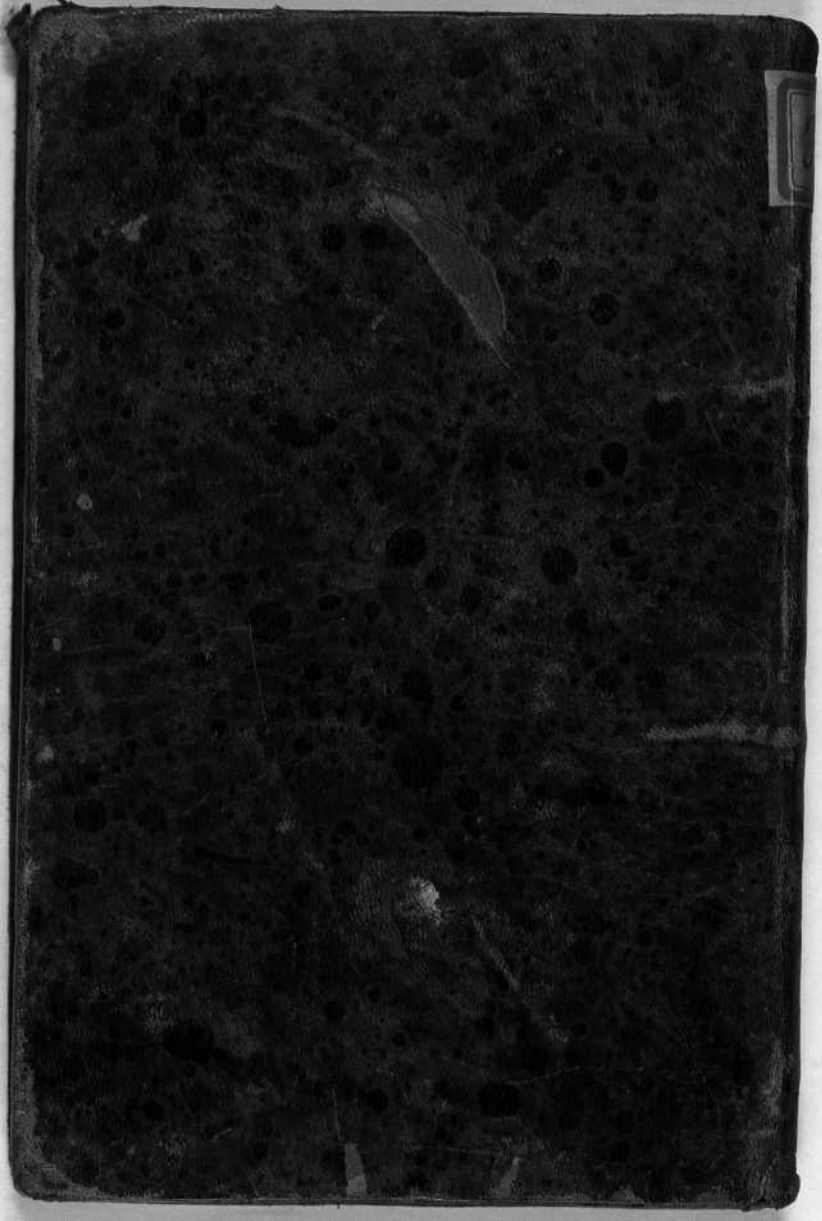
Pesetas

Número. 323 | Precio de la obra

Estante . 6 | Precio de adquisición

Tabla . . . 7 | Valoración actual

Número de tomos



THE UNIVERSITY OF CHICAGO

323

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

OS

30 DROS

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

LIBRARY